



Artigos/Articles

Performances identitárias em trajetórias textuais na escola e nas redes sociais virtuais: uma observação multissituada

Identity performances through textual trajectories in a school and virtual social networks: a multi-sited observation

Thayse Figueira Guimarães¹

RESUMO

Este artigo resgata a observação etnográfica realizada em uma escola pública do Estado Rio de Janeiro, Brasil, e nas redes sociais Facebook e Twitter, ao discutir a investigação das *performances* identitárias por meio das trajetórias textuais. A referida pesquisa focalizou as *performances* identitárias do estudante focal Luan e sua trajetória de textos, a partir de suas experiências de circulação nos letramentos escolares e nas redes sociais *on-line*. Considerar as trajetórias textuais significa contemplar discursos (materializados em textos) em trânsito por diferentes contextos. Na pesquisa, explorou-se a circulação de textos e de discursos na proposta de uma metodologia multissituada (Marcus, 1995), ao observar etnograficamente Luan na escola e nas redes virtuais. Este estudo discute o movimento dos textos e dos discursos pela mobilização do conceito de entextualização (Bauman; Briggs, 1990) e de indexicalidade (Silverstein, 2003). Com base nos dados apresentados, infere-se que as entextualizações e as recontextualizações realizadas por Luan permitem visualizar a indexicalidade da linguagem em ação. Os dados também possibilitam contemplar os atravessamentos sociais, culturais, identitários, semióticos e de circulação dos processos comunicativos contemporâneos.

Palavras-Chave: performances identitárias, entextualização, etnografia multissituada, indexicalidade.

¹ Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0379-1405>. Email: thayseguimaraes@ufgd.edu.br

ABSTRACT

This article presents one ethnographic observation in a public school in the state of Rio de Janeiro, Brasil, and Facebook and Twitter social networks, discussing the possibility of investigating identity performances through textual trajectories. This research examines the identity performances of our focal student Luan and his trajectory of texts based on his experience of circulation amongst school literacy events and online social network. Considering the textual trajectories means contemplating discourses (materialized in texts) in transit through different contexts. In this research, we explore the circulation of texts and discourses in the proposal of a multi-sited methodology (Marcus, 1995), by ethnographically observing Luan at school and on his virtual networks. This study is guided by the movement of the discourses through the concept of entextualization (Bauman and Briggs, 1990) and indexicality (Silverstein, 2003). Based on the data presented, we realized that Luan's entextualizations and recontextualizations allow us to visualize the indexicality of language in action. Lastly, the analysis also contemplates the social, cultural, identity, semiotic and circulation phenomena of contemporary communicative processes.

keywords: *identity performances, entextualization, multi-sited ethnography and indexicality.*

1. Introdução

As salas de aula contemporâneas são marcadas pela potência da mobilidade informacional-virtual, dada pela perspectiva ampliada de movimentação dos estudantes pela informação – seja via *mass media* (tevé, rádio, impressos) ou mídias de função pós-massiva (redes, computadores, celular). Os artefatos comunicacionais acentuam a mobilidade das mídias, das informações e dos corpos, tornando-se fatores cruciais na experiência atual de socialização na escola (Santaella, 2013). Desse modo, com as novas tecnologias, os processos de investigação das práticas escolares podem ganhar contornos mais largos, ao incorporar as experiências de socialização pelas mídias eletrônicas, fazendo emergir novas espacialidades de acesso, presença e interação que reconstituem os modos como, metodologicamente, lidamos com dados gerados em sala de aula, suas bordas e especificidades.

Por esse motivo, este artigo incide sobre o empreendimento de pesquisa que procurou construir uma análise multissituada (Marcus, 1995) das *performances* identitárias do estudante focal Luan em interação na escola e nas redes virtuais. A referida pesquisa foi realizada com estudantes do ensino médio, em uma escola pública das baixadas litorâneas do Estado do Rio de Janeiro no

ano de 2011². Tal empreendimento levou em conta a observação dos discursos e das práticas desse grupo no contexto da sala de aula e das redes sociais *Facebook* e *Twitter*. Especialmente, a proposta focalizou a trajetória de textos e as *performances* identitárias do estudante focal Luan³ em sua experiência de circulação em diferentes espaços interacionais.

Considerar as trajetórias textuais (Blommaert, 2005; 2010) significa contemplar discursos em trânsito por diferentes contextos, e, nesta pesquisa, consideramos a circulação de textos e de discursos a partir de dois pontos de análise, sobre os quais nos debruçamos neste artigo:

- (1) A mobilidade textual por meio do empreendimento de observação em mais de um lugar, ao seguir etnograficamente a circulação de Luan (suas práticas e discursos), pelas redes virtuais e na escola. Metodologicamente, fazemos interagir a informação do campo de observação da sala de aula com campo das interações virtuais, recorrendo a outros espaços, tempos, objetos e atores sociais e buscando interpretações que vão além de um único campo de observação empírica. Essa perspectiva tomou como base a discussão empreendida por George Marcus (1995) sobre etnografia multissituada, segundo a qual seguir a circulação de atores, objetos e discursos por múltiplos pontos do globo seria um modo pertinente para lidar com o trânsito entre escalas, na chamada antropologia dos fenômenos globais;
- (2) A mobilidade textual por meio da conectividade textual dos discursos, enfatizando a ideia de movimento dos discursos entre contextos a partir do conceito de entextualização, desenvolvido por Richard Bauman e Charles Briggs (1990). Os autores denominam entextualização o sucessivo movimento de descontextualização e de recontextualização metadiscursiva. Esse processo de descontextualização e recontextualização envolve um processo ativo de negociação e avaliação do discurso e de construção dos sentidos pelos participantes na interação. No que diz respeito aos dados desta pesquisa, a entextualização constituiu-se tanto por meio da inter-relação entre textos/discursos que circulam na sala de aula e no espaço virtual quanto pela natureza indexical da linguagem (Silverstein, 2003), associada à história de uso dos recursos semióticos mobilizados e às relações hierarquizadas e de poder.

² Este texto discute parte da pesquisa de doutoramento (Guimarães, 2014), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a orientação do prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes.

³ Por motivos éticos, substituímos por pseudônimos os nomes de todos os participantes envolvidos.

Feitas as considerações iniciais sobre como abordaremos a conectividade entre os eventos, discursos e práticas mobilizados na circulação de Luan entre as interações na escola e no ambiente virtual, desenvolvemos, nas próximas seções, os dois pontos acima esboçados, tendo em vista o projeto etnográfico multissituado e a análise da construção das *performances* identitárias do participante focal pelas suas trajetórias textuais.

2. A mobilidade textual entre as práticas da escola e das redes sociais virtuais: o projeto multissituado e a escolha do participante focal

Como dito inicialmente, a referida pesquisa foi realizada com um grupo de estudantes do ensino médio em uma escola pública das baixadas litorâneas do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2011. A escola ficava em um bairro de periferia da cidade e, como pode ser visto pela Figura 1, o espaço da escola mistura-se ao espaço urbano do bairro, com suas ruas estreitas, com suas moradias, com a circulação de pessoas daquela localidade e com o comércio da área.

Figura 1. Vista da rua onde a escola está localizada.



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso: 15/04/2015

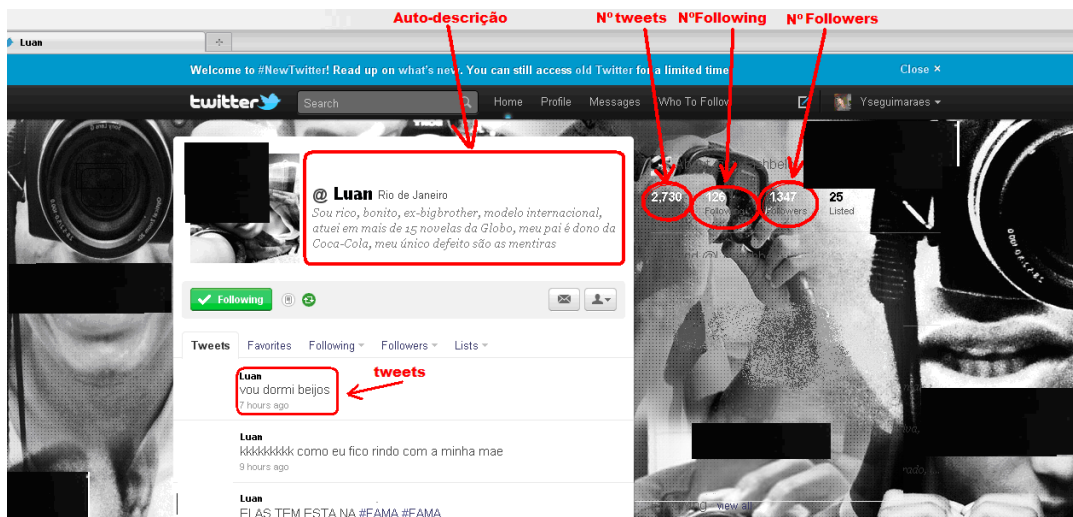
A escola era exclusivamente de ensino médio e atendia a jovens da região. No período de realização da pesquisa, estudavam nessa escola 780 alunos, distribuídos entre os diferentes turnos. A entrada da pesquisadora na escola deu-se após autorização da direção, solicitada por meio de uma carta de apresentação e intermediada pelo coordenador de turno. A pesquisa foi realizada com uma turma do terceiro ano do ensino médio matutino, que autorizou o acompanhamento de suas práticas na escola e no espaço virtual. Já com relação aos professores, o de redação e a de filosofia foram os únicos que autorizaram a entrada em suas aulas.

No trabalho de pesquisa com essa turma, os dados foram gerados por meio da observação e das gravações em áudio das interações na sala de aula, das gravações das interações nas redes sociais *Facebook* e *Twitter* (salvos em formato JPG), de anotações de campo e de entrevistas com professores e alunos daquela turma. Tais procedimentos foram utilizados na condução do projeto etnográfico multissituado, já que era necessário atenção à “invisibilidade da vida cotidiana” (Erickson, 1986). De fato, alguns dados iniciais só fizeram sentido após um bom tempo de observação e convivência com a turma; eles foram imprescindíveis para entender aquilo que parecia “um mosaico de acontecimentos” (Sato; Souza, 2001, p.37).

Ao longo do trabalho etnográfico de observação, um dos alunos nos chamou a atenção pela trajetória de seus textos nos eventos interacionais observados. Luan, garoto negro e posicionando-se constantemente como gay nas interações da sala de aula e do espaço virtual, ganhou destaque na pesquisa pela aproximação com a pesquisadora e com as questões levantadas pela etnografia. Ao focalizar as *performances* de gênero/sexualidade e raça nas práticas de letramento investigadas, observamos que os textos produzidos por Luan eram forjados na negociação constante de sentidos sobre seu corpo, padrões de normatividade, estereótipos sociais e legitimidade de vozes sociais.

Na época da pesquisa, Luan tinha 18 anos, era *twitteiro* (ou seja, utilizava constantemente o *Twitter*) e também possuía conta no *Facebook*, *Orkut*, *Tumblr*, *MSN* e *Youtube*. Em sua participação nessas redes sociais, Luan utilizava recursos multissemióticos, que combinados produziam um perfil diferenciado, como é possível observar Figura 2.

Figura 2. Perfil de Luan na rede social *Twitter*



Fonte: Guimarães (2014:114).

Suas publicações compunham o interesse de um grupo sociocultural na rede *Twitter*: aqueles que querem se tornar populares. No caso de Luan, percebemos que número de pessoas que o segue, ou seja, número de seguidores (*followers*: 1.347), é maior do que o número de pessoas que ele segue (*following*: 126), bem como o número significativo de *tweets* enviados: 2.730. Tais pistas sinalizam um tipo de perfil que é típico entre usuários populares do *Twitter*: muitos seguidores, mas poucos seguidos e muitas mensagens enviadas/lidas. Em acréscimo, suas fotografias editadas, privilegiando algumas partes do corpo, enfatizam a erotização e o destacam como uma pessoa sensual, modo como gostava de ser identificado naquele espaço social. Ainda, no texto que o descreve, a Figura 2, Luan faz uso de recursos linguísticos parodiando as *performances* de celebridade que ele cria para si. Ele insere elementos que apontam para vozes de falantes com amplo *status* social, os quais circulam por redes internacionais, em contraposição a pessoas comuns que desejam usufruir desse prestígio, como o próprio Luan. A referência à riqueza (rico), à beleza (bonito), à fama (*ex-big brother*, modelo internacional, atuou em novela) sinalizam os valores sociais orientadores de seus sentidos, quando se move no espaço/tempo daquela interação. Além disso, Luan utilizava quase todos os dias o *MSN* e o *Skype* para manter/fazer contatos. Orgulhava-se de possuir mais de 2 mil amigos no *Skype* e *MSN*, quase 2 mil amigos no *Facebook*. Em sala de aula, porém, participava pouco. Gostava de ficar sentado no fundo e era constantemente alvo de críticas do professor de redação, que o posicionava como tendo interesse somente pelo que acontecia nas redes sociais *on-line*.

Desde o início da referida pesquisa, Luan se aproximava de um *ethos* interacional⁴ que privilegiava as práticas das interações *on-line* em detrimento das práticas da escola. Tal aproximação era recorrente nas suas interações na sala de aula, como mostra o seguinte fragmento de entrevista acerca de sua relação com o professor de redação:

[...] tipo ele acha que sou uma pessoa alienada. Ele fala de mim, porque acha que na Internet não tem nada útil. Ele não me deixa com raiva com esse tipo de pensamento, mas eu acho que não sabe de nada do que se passa por lá. A vida lá é muito mais diversificada, eu fico sabendo de tanta coisa que uma pessoa que não tem contato com esse mundo não sabe. Eu acho que eles é que são alienados de verdade. (Guimarães, 2014, p.149)

Tal declaração aponta como Luan entendia as críticas e avaliações que o professor de redação lhe fazia. Sua participação em sala de aula era fortemente marcada por contraposições a ações desse professor, que relacionava o

⁴ Neste artigo, uso o conceito de *ethos* em associação à noção de *ethos* como hábitos locucionais compartilhados por membros de uma comunidade, conforme C. Kerbrat-Orecchioni (1996). Tal “*ethos* coletivo” constitui, para os locutores que o compartilham, um “perfil comunicativo”, ou seja, a sua maneira de se comportar e de se apresentar nas interações (Kerbrat-Orecchioni, 1996).

insucesso de Luan, em sua disciplina, à intensa participação do jovem no mundo virtual. Também notamos, pela observação etnográfica, que Luan se tornou, ao longo do ano letivo, alvo de muitas críticas nas avaliações de outros professores da escola. Em entrevistas realizadas com docentes, Luan era frequentemente enquadrado como um aluno que só tinha interesse pela vida virtual. Isso porque a participação do jovem nos letramentos da escola não dava conta de práticas privilegiadas nesse contexto. Assim, eram comuns notas baixas nas provas e constantes repreensões por parte desses professores.

Para finalizar este tópico, o trabalho metodológico de investigação multissituada empreendido localiza-se no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar, tal como coloca Moita Lopes (2006), uma linguística aplicada que tenta operar para além dos limites disciplinares, orientando-se pelo compromisso em produzir conhecimento sobre as práticas sociais, sem se esquecer dos impactos que nossas escolhas teóricas e metodológicas produzem no mundo social. Portanto, as interpretações realizadas em ambos contextos de pesquisa (sala de aula e interações virtuais) foram pautadas no trabalho de campo realizado no ano de 2011 e estão abertas a outras reflexões e são passíveis de novos questionamentos e contribuições epistemológicas. Dito isso, passamos, na próxima seção, a discutir, pela análise de trechos de uma interação na sala de aula, a mobilidade textual dos discursos de Luan com destaque para a noção de entextualização e indexicalidade.

3. A mobilidade textual dos discursos pelo conceito de entextualização e indexicalidade

Esta seção propõe discutir a mobilidade dos discursos produzidos por Luan, relacionando-a às suas experiências de socialização e à construção de suas *performances* identitárias na sala de aula. No cerne da reflexão sobre a circulação de textos está a entextualização (Bauman; Briggs, 1990, p.73), que designa o processo pelo qual determinado enunciado pode ser extraído do seu cenário interacional e transmitido junto com um novo contexto. Blommaert (2005, p.47), no desenvolvimento dessa ideia, argumenta que:

A entextualização se constitui a partir de um processo por meio do qual os discursos são sucessiva ou simultaneamente descontextualizados e metadiscursivamente recontextualizados, de modo que se tornam um novo discurso associado a um novo contexto e acompanhado por uma metadiscursividade particular, que fornece um tipo de leitura específica para o discurso. (Blommaert, 2005, p.47)⁵

⁵ Trecho original: “[...] Entextualisation refers to the process by means of which discourses are successively or simultaneously decontextualised and metadiscursively recontextualised, so that they become a new discourse associated to a new context and accompanied by a particular metadiscourse which provides a sort of ‘preferred reading’ for the discourse.”

Nesse movimento de des/recontextualização metadiscursiva os participantes examinam reflexivamente o discurso conforme ele vai emergindo. Discursos materializados em textos são passíveis de serem retirados de seu ambiente interacional/contextual original e replicados em outro, tornando-se novamente um novo objeto e assim sucessivamente (Bauman; Briggs, 1990; Blommaert, 2010). O texto aqui é remodelado, renarrado, reenquadrado, e a entextualização torna-se a própria trajetória do texto. Em termos gerais, esse processo, segundo Silverstein e Urban (1996), faz parte da história natural dos discursos. Quando transportados, os textos são negociados em processos interpretativos, com base em sistemas sociais historicamente estabilizados. Ampliamos aqui o foco para além do funcionamento da linguagem em uso, em eventos comunicativos circunscritos a momentos específicos, para observar o texto percorrendo trajetórias múltiplas, de modo que a mobilidade dos textos produzidos construa novas interpretações do contexto interacional a cada fase da descontextualização-recontextualização e nas quais signos de identidade estão em ação (Wortham, 2006).

Nessa mobilidade, elementos de uma ordenação social maior também orientam as interpretações de um ato comunicativo ao ser local e culturalmente contextualizado. Silverstein (2003) chamou essa ordenação social de “ordem indexical”, para dar conta da dimensão laminada dos contextos interacionais podendo ganhar destaque com a noção de indexicalidade, que, segundo o próprio linguista-antropólogo, é a propriedade que toda palavra tem de apontar (indiciar/indexicar) para contextos sociais que excedem o ato de fala. Assim sendo, sempre que discursos viajam, viaja com ele o valor indexical das palavras, ou seja, os centros normatizadores e hierárquicos dos sentidos que operam no nível da interpretação. Por esse motivo, tais indexicalidades operam de forma ordenada, estratificada e hierarquizada (Blommaert, 2010, p.38), sugerindo uma coerência sociocultural, isto é, uma ordem de indexicalidade. Argumenta-se que, ao usarmos a linguagem localmente, mobilizamos e conectamos uma série de contextos relacionados a repertórios de convenções macrossociais que não estão reduzidos aos textos produzidos, mas que circundam esses textos e emergem no momento da interação, permitindo a emergência de importantes aspectos de poder e de desigualdade no campo de semioses (Blommaert, 2010). Assim, cada vez que os textos produzidos por Luan viajam, suscitam-se ligações indexicais que são dependentes tanto do que ocorre nos eventos interacionais locais como de um conjunto de normas e convenções culturais, associadas à história de uso dos recursos semióticos mobilizados e às diferenciações de poder.

Na análise do Excerto 1, é possível visualizar como esse processo ocorre quando Luan recontextualiza a fala de uma mulher trans, que se identifica como

travesti⁶, em uma de suas atividades em sala de aula. A cena mostra dados de uma apresentação de trabalho de Luan, proposta pela professora de filosofia. Como proposta de trabalho, os estudantes deveriam realizar entrevistas com pessoas de diferentes profissões e questioná-las sobre ética e moral no trabalho. A entrevista realizada por Luan foi feita pelo *Skype* com Lohana, uma mulher trans e amiga de Luan das redes virtuais. Queremos chamar a atenção para a recontextualização dessa entrevista no contexto interacional daquela sala de aula, tendo em vista a negociação dos valores e sentidos produzidos nessa viagem (do contexto das interações virtuais para a escola) e seus efeitos naquela ação social e na construção das *performances* identitárias de Luan. Em resumo, nossa atenção será dada ao modo como o aluno focal renegocia seus textos, com destaque na citação da fala de Lohana e nas consequências interacionais e identitárias dessa entextualização. Isso porque “práticas de entextualização terminam sendo práticas sobre ‘identidade’” (Silverstein; Urban, 1996, p.10)⁷.

O início do momento interacional selecionado já é a reprodução da conversa entre Luan e Lohana. Alguns detalhes podem ser visualizados na seguinte nota de campo:

Após reprodução do áudio com outras entrevistas, Luan apresenta a fala de Lohana. Neste momento, ele não faz nenhuma interrupção; apenas diz que irá mostrar sua entrevista, enquanto mexe no computador para selecionar o áudio. (Guimarães, 2014, p.155)

Excerto 1.

- | | | |
|---|---------------|---|
| 1 | Luan (grav.): | Estamos aqui com a Lohana(.) então Lohana, fala do momento quando você decidiu ser travesti (3.0) Lohana? ((posiciona-se ao lado do computador)) ⁸ |
| 2 | | |
| 3 | | ((2.0)) |
| 4 | Sávio: | [lá vem Luan com essa desgraça de novo] |
| | Lohana | [>Então, na verdade(.)desde pequenininha me vejo como |
| 5 | (grav.): | <u>mulher</u> <] |
| 6 | Talita: | hum:: é a <u>Marilac</u> ! |

⁶ Uso o termo “mulher trans” para me referir, de um modo geral, a pessoas que fazem transição homem - para - mulher, ao se identificarem com o gênero oposto àquele designado em seu nascimento (cf. Borba, 2014). No caso de Lohana, segundo Luan, ela se autoidentifica como travesti.

⁷ Trecho original: “[...] entextualisation practices turn out to be about ‘identity’”. (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p.10)

⁸ Algumas normas de transcrição utilizadas foram adaptadas de Bucholtz (2000): (.) pausa menos de um segundo; (1.5) aproximada tempo de pausa em segundos (medida em silêncio de segundos e décimos de segundo; [sobreposição de turnos; **CAPITALS** volume mais alto; > **texto**< fala mais acelerada; ((**texto**)) comentários do transcritor; texto ênfase no som; : alongamento de vogal; , subida leve na entonação; ? subida rápida na entonação; ! ênfase forte na entonação descendente; @@@ risada; . Entonação ascendente; ° **fala** ° volume baixo; **fala** = turno de fala contíguos e ↑ som mais agudo.

- 7 Bruno: viu (.) vocês ficam falando de traveco
Lohana >nunca passou na minha cabeça virar uma travesti< tipo
8 (grav.): assim(.)
mas hoje quero me operá, comecei pelo cabelo e hormônio
9 (1.0)
10 tipo assim quero me operá >porque não é fácil amiga::<
11 Sávio: [amiga:::] ((ocorre risos da turma))

Fonte: Guimarães (2014, p.153).

Ao contexto mais geral de apresentação de trabalho na aula de filosofia, Luan entextualiza um evento específico de entrevista com Lohana, cujo tópico interacional são as experiências de identificações de Lohana, iniciado pela sequência “quando você decidiu ser travesti” (l. 1 e 2). Nessa composição, Luan atua como responsável pela citação da fala de Lohana e pela condução de sua voz, uma vez que é ele quem realiza a entrevista, introduz e desenvolve o tópico interacional. Em interposição a essa entrevista, seguindo a primeira pergunta feita por Luan a Lohana, Sávio, um dos participantes daquele momento interacional, produz sentidos avaliativos, ao enunciar “lá vem Luan com essa desgraça de novo” (l.4). Essa fala, interposta à entrevista e recontextualizada com o uso da referência “desgraça”, aponta para um posicionamento de reprovação quanto às *performances* de Luan nessa apresentação, além de indiciar sentidos históricos estigmatizados que desqualificam a voz de Lohana nesse contexto interacional. Também compõe esse contexto avaliativo a expressão “de novo”, que recontextualiza, no momento interacional, outros textos de Luan que também apresentaram vozes do universo trans (cf. Guimaraes; Moita Lopes, 2017⁹).

Além do comentário de Sávio, outros comentários também vão se interpondo à entrevista e provocam fissuras. Bruno, na linha 7, ao dizer “viu (.) vocês ficam falando de traveco”, recontextualiza também momentos interacionais passados, vividos por esses estudantes, em que o tópico da conversa eram as identificações travesti e aponta um posicionamento de reprovação quanto a esses momentos interacionais. O índice avaliativo “traveco” é utilizado para referir-se à Lohana e sublinha um intertexto que novamente a desqualifica nesse momento interacional, uma vez que tal índice indexa sentidos pejorativos, socialmente associados às identificações travesti. Na linha 6, outra referência é sobreposta à fala de Lohana. Talita faz referência a uma outra travesti, Luisa Marilac, famosa por seu vídeo viral na Internet e que agrega a esse evento interacional outras vozes circulantes no contexto das interações *on-*

⁹ No referido artigo, refletimos sobre os processos de recontextualização do vídeo de Luisa Marilac na construção das performances identitárias de Luan. Luisa Marilac é uma mulher trans, que, no ano de 2010, publicou um vídeo caseiro no YouTube que se tornou viral na época.

line, principalmente aquelas relacionadas a trocas interacionais entre esses estudantes nas redes sociais on-line.

Quanto ao modo como Luan se posiciona e é posicionado nesse evento comunicativo de entrevista, na linha 10, Lohana, ao finalizar sua fala com a referência “amiga”, faz emergir índices de uma relação social entre os dois, posicionando-se como uma pessoa próxima a Luan. Essa troca interacional parece ter sido capturada por Sávio, que repete para turma em fala alongada o item lexical “amiga:” (l.11), apontando para uma vigilância que esse estudante frequentemente exercia com relação às identificações de gênero/sexualidade de Luan.

Ao final da entrevista, a turma segue com conversas paralelas e alguns risos, que sinalizam desatenção e provocam novas negociações.

Excerto 2.

- 40 Professora: ENTÃO:: gen:te shiiiiiiiiiii! (.) UM MOMENTO POR FAVOR!
- 41 ((chama a atenção das alunas e dos alunos))
- 42 PODEMOS SEGUIR PARA PRÓXIMA OU ALGUÉM QUER FAZER UMA PERGUNTA?
- 43 Bruno: [º vou comentá que Luan não precisa ser tão viado assimº.]
- 44 turma: (((falas paralelas)))
- 45 Luan: O que vocês tão falando de mim? que eu sou viado? ((dirige-se a Bruno))
- 46 Talita: [olha a cara do Luan]
- 47 Bruno: [tô falando que isso não tem a ver com o trabalho, né professora?]
- 48 Turma: pois é @@@@((fala não identificada e risos da turma))
- 49 Luan: >QUE NUM TEM NADA A VER< só porque é travesti as pessoas confundem com
- 50 fazer-fazer programa >ela não precisa disso(.)
- 51 ela trabalha com teatro, trabalha fazendo performance de lady gaga<
- 52 Professora: [é:: mas você não falou isso]
- 53 Luan: [as profissões não são aquelas que provam no papel]
- 54 as profissões são o que as pessoas gostam de fazer por dinheiro (.) ou pra se sentir mais sensual
- 55 turma: (((@@@@@)))
- 56 Professora: [quem é o próximo grupo?]
- 57 Talita e Bruno. agora são vocês?
- 58 Luan: ((Luan e o grupo dirigem-se para seus lugares))

Fonte: Guimarães (2014:156).

Na negociação do contexto de apresentação de trabalho, a professora Marcia chama a atenção da turma (l.40), retoma o turno interacional e posiciona-se como administradora do evento ao dizer em voz alta “PODEMOS SEGUIR PARA PRÓXIMA OU ALGUÉM QUER FAZER UMA PERGUNTA?” (l.42).

Em resposta ao questionamento da professora, Bruno entextualiza a palavra “viado” (l. 43) em atribuição a uma suposta sexualidade homoerótica de Luan. Essa referência é enfatizada pelo recurso “tão” (l. 43), que, nesse contexto interacional, enfatiza a apreciação negativa que Bruno faz das *performances* de Luan ao dizer, em fala encaixada ao turno da professora: “[º vou comentá que Luan não precisa ser tão viado assimº]” (l.43) . O processo sinaliza laminações de sentido: Bruno, ao mesmo tempo, incita um discurso estigmatizante e inspeciona as *performances* de gênero/sexualidade de Luan, em um movimento de avaliação corretiva dos posicionamentos do jovem no contexto institucional dessa interação. Em uma ordem de indexicalidade em que posicionamento de pessoa homoerótica e afeminada é desprestigiada, segundo uma matriz heteronormativa, a palavra “viado” indexa desvalorização e deslegitimação das *performances* de Luan nesse contexto interacional.

Entretanto, Luan, utilizando-se de um posicionamento assertivo-questionador (l. 45), dirige-se a Bruno, confrontando o comentário efetuado na linha 43. Na fala de Luan, a palavra “viado”, recontextualizada em tom enfático no questionamento “O que vocês tão falando de mim? que eu sou viado?” (l. 45), parece orientar para a construção de um contexto de embate entre Luan e Bruno. Talita, na linha 46, avalia esse momento interacional, ao correlacionar a expressão facial de Luan a um suposto desconforto do jovem pelo enunciado “olha a cara do Luan”. O julgamento dessa jovem enfatiza o poder simbólico do signo “viado” e posiciona Luan como uma pessoa em constrangimento frente à turma.

Em interposição, na linha 47, Bruno redefine sua posição ao dizer “tô falando que isso não tem a ver com o trabalho” e retoma o contexto institucional de avaliação-comentário, proposto pela professora (l. 42), posicionando-se assertivamente em defesa da não adequação da apresentação de Luan ao contexto daquela prática de letramento. Bruno apropria-se de uma voz institucionalizada ao interpelar “né professora” (l. 47), indicando que a audiência preferencial daquele momento era a professora e buscando ratificação com relação a essa não adequação. A esse contexto de participação institucional, os risos dos estudantes e o marcador de concordância “pois é” (l. 48) vão sugerir um alinhamento coletivo de concordância à assertiva apresentada por Bruno e de crítica às *performances* de Luan.

Entretanto, na negociação dessa interação, Luan contesta a fala de Bruno, justificando a escolha pela entrevista com Lohana. Na linha 49, ao dizer em volume alto “QUE NUM TEM NADA A VER”, Luan posiciona-se

assertivamente em oposição à suposta inadequação sinalizada por Bruno. A referência “travesti” (l. 49) relacionada ao fragmento “fazer programa” (l. 50) será recontextualizada em um sentido contestatório da relação causal entre *performances* travesti e a prostituição, marcada pela restritiva “só porque” (l.49). Esse posicionamento sugere uma avaliação e reflexão de Luan, com relação ao que provocaria a inadequação desta fala no contexto dos letramentos escolares. A estratégia utilizada constrói um contexto de embate, em que vozes socioculturalmente legitimadas e deslegitimadas em sociedade entram em conflito. Luan recontextualiza as práticas profissionais de Lohana fazendo referência ao “teatro” (l.51) e às “performances de lady gaga” (l. 51). As práticas discursivas de Luan constroem um determinado tipo de identificação travesti: que não precisa fazer programa (l. 51), que trabalha com teatro (l. 51), que faz performances de Lady Gaga em casa noturna (l. 51) e faz por dinheiro e para se sentir mais sensual (l.54). Em sua fala, Luan constrói um tipo de identificação para Lohana e a manuseia em favor de seus interesses interacionais locais. Nesse contexto, o posicionamento de Luan sinaliza sentidos contestatórios à fala de Bruno e produz uma ideia de adequação no cumprimento daquela atividade escolar.

Note-se também que a construção da argumentação de Luan é acompanhada por risos da turma (l. 55). Tais risos apontam para possíveis sentidos de depreciação da fala do jovem. Além disso, em sobreposição, ao enunciar “quem é o próximo grupo?” (l. 56), a professora retoma o turno interacional e posiciona-se, mais uma vez, como administradora do evento institucional apresentação de trabalho, finalizando aquele debate.

Os momentos interacionais em análise apontam para a construção de um contexto de reprovação da fala de Luan. Aqui a entextualização da entrevista e, conseqüentemente da voz de Lohana, entra em ordens de indexicalidade sociohistoricamente constituídas, cujas trajetórias de vida e identificações não são legitimadas em práticas de letramentos escolares. Nesse sentido, as referências utilizadas para avaliar a entrevista de Luan estão instaurando uma nova relação social entre Luan e seus interlocutores e vão exigir negociação de sentidos. Além disso, a fala entextualizada de Lohana sinaliza os atravessamentos identitário-discursivos que compõem a trajetória dos textos produzidos por Luan no espaço das interações virtuais e da escola. Os excertos 1 e 2 permitem-nos observar a disputa na construção de significados válidos no contexto da escola, que ocorre na recontextualização de vozes que ecoam de suas interações pelas redes virtuais e que estão em fricção com as vozes do espaço institucional escolar.

4. Considerações finais

As trajetórias dos textos de Luan entre diferentes contextos ilustram um tipo de fluxo que é característico das interações contemporâneas. Primeiro, porque Luan constrói suas experiências de identificação no movimento entre as redes sociais virtuais e o contexto da escola. Na referida pesquisa, essa mobilidade foi considerada na proposta de uma metodologia etnográfica multissituada (Marcus, 1995), na qual pesquisadora seguiu as trajetórias dos textos de Luan. No âmbito da pesquisa realizada, olhamos para multidimensionalidade dos espaços sociais e para os repertórios de sentido variados que se inter cruzam e se distinguem pelas normatividades locais. Isso porque, entre outros aspectos derivados das condições propiciadas pelas tecnologias do acesso e da conexão contínua, notáveis são aqueles que afetam diretamente as práticas interacionais da escola, com os aparelhos de telefone celular, *tablets* e *notebooks* conectados à internet fazendo parte da rotina de sala de aula e tornando o fluxo comunicativo móvel. Como pode ser visto, a trajetória da entrevista com Lohana colocou em conexão práticas interacionais virtuais e práticas interacionais escolares.

Nesse trajeto, diferentes repertórios discursivos podem se conectar e lutas performativas são encenadas na construção de sentidos sobre as práticas locais. Por esse motivo, a descontextualização da entrevista de Lohana e sua recontextualização em uma atividade em sala de aula também é ilustrativa de uma outra mobilidade, ligada à questão da natureza indexical da linguagem. Desse modo, focalizar a entextualização e recontextualização de textos e discursos permite-nos visualizar as dimensões laminadas dos contextos, que nesta pesquisa, mostrou-se na conectividade entre as provocações e avaliações negativas à fala de Lohana e à de Luan e a história sedimentada de injúrias aos corpos que se travestem (Butler, 1993). Assim, quando a fala de Lohana ocupou o centro das atenções interacionais no contexto da sala de aula, foi possível visualizar a indexicalidade em ação na negociação dos indícios contextuais que essa fala carrega consigo. Ao alinhar-se à voz de Lohana, Luan é interpelado pelos termos “desgraça”, “traveco” e “viado”, indicando uma desqualificação de sua participação naquele contexto. A fala recontextualizada de Lohana esteve em disputa com roteiros de inteligibilidade produzidos nos letramentos da escola, provocando a luta pelos sentidos daquela prática e as assimetrias.

Considerando que texto é movimento e que, ao se mover, é adaptado e modificado, focalizar os processos de entextualização dos discursos pode ser um convite a visualizar o trajeto pluridirecional dos textos, dando conta principalmente da vulnerabilidade do entendimento que emerge no aqui-e-agora e dos atravessamentos sociais, culturais, identitários, semióticos e de circulação dos processos comunicativos contemporâneos.

Referências

- BAUMAN, R.& BRIGGS, C. 1990. Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life. *Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 59-88.
- BLOMMAERT, J. 2005. *Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BLOMMAERT, J. 2010. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BLOMMAERT, J & MALY, I. 2014. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study. *Tilburg papers in culture studies*, Tilburg University, n. 100, p. 1-28.
- BUCHOLTZ, M. 2000. The politics of transcription. *Journal of Pragmatics*, Texas: Elsevier, n. 32, p.1439-1465.
- BUTLER, J. 1993. *Bodies that Matter: on the discursive limits of 'sex'*. Nova York e Londres: Routledge.
- BUTLER, J. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ERICKSON, F. 1986 Qualitative research on teaching. In: WITTRICK, M. (org.) *Handbook of research on teaching*. New York: MacMillan.
- GUIMARAES, T. F. 2014. *Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa Interdisciplinar de Pós - Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- GUIMARAES, T.F.& MOITA LOPES, L.P. 2017. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.1, p. 11-33.
- HINE, C. 2000. *Virtual Ethnography*. London: Sage Publications.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C.1996. *La conversation*. Paris, Seuil.
- LEANDER, K. M.& MCKIM, K. K. 2003. Tracing the Everyday 'Sittings' of adolescents on the Internet: a strategic adaptation of ethnography across online and offline spaces. *Education, Communication & Information*, v. 3, n. 2 Julho.
- MARCUS, G.E. 1995. Ethnography in/of the World System. The emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v 24, p. 95 – 117.
- MOITA LOPES, L.P. 2006. Construindo uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- SANTAELLA, L. 2013. *Comunicação Ubíqua - Repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Editora Paulus, 1ª. Edição.
- SATO, L. & SOUZA, M. 2001. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicol. USP*, São Paulo, v.12, n.2 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200003&script=sci_arttext
- SILVERSTEIN, M. 2003. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. *Language & communication*, University of Chicago, n. 23, p. 193-229.
- SILVERSTEIN, M.& URBAN, G. (Eds.). 1996. *Natural histories of discourse*. Chicago: The University of Chicago Press.
- WORTHAM, S. 2006. *Learning Identity: The joint emergence of social identification and academic learning*. New York, CUP, 2006